

**UM ESTUDO DO PROJETO DE VIDA PROFISSIONAL DE ADOLESCENTES DO
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL EM UMA CIDADE
DO SUL DE SANTA CATARINA^I**

**A STUDY OF THE PROFESSIONAL LIFE PROJECT OF THIRD YEAR HIGH
SCHOOL ADOLESCENTS FROM THE STATE SYSTEM IN A SOUTHERN CITY
OF SANTA CATARINA**

Vanessa Martins Berti^{II}

Sâmia Torquato Rahim^{III}

Resumo: A adolescência é uma fase caracterizada por mudanças e permeada por escolhas que darão início à fase adulta. O projeto de vida profissional está entre essas escolhas a serem feitas, principalmente ao falarmos de estudantes do Ensino Médio. Portanto, este artigo visa descrever como os adolescentes da rede estadual de ensino constroem seu projeto de vida profissional ao cursarem o terceiro ano do Ensino Médio. Caracterizando-se como uma pesquisa exploratória, qualitativa e de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze estudantes. Com a análise de conteúdo, foi possível constatar que a construção do projeto de vida profissional desses adolescentes se torna possível baseado no apoio familiar e no autoconhecimento que o sujeito tem a sua disposição. Além disso, o fator financeiro é algo que influencia diretamente na sua escolha entre uma profissão ou outra.

Palavras-chave: Adolescentes. Projeto de vida. Escolha Profissional.

Abstract: The adolescence is a phase characterized for changes and choices that will start the adult phase. The project of professional life it's between these choices to be made, mainly when talking about the High School students. Therefore, this article aims to describe how adolescents from the state school system build their professional life project when they are in their third year of high school. Characterizing as an exploratory, qualitative and field research, semistructured interviews were conducted with twelve students. With the content analysis, it was possible to verify that the construction of these adolescents' professional life project becomes possible based on family support and self-knowledge that the subject has at his disposal. Moreover the financial factor is something that directly influences your choice between a profession or another.

Keywords: Teenagers. Life Project. Professional Choice.

^IArtigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

^{II}Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – 10º semestre de 2019B – E-mail: vanessaberti59@gmail.com

^{III}Professor Mestre orientador do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019. E-mail: samia.correa@unisul.br

1 INTRODUÇÃO

O projeto de vida profissional é construído a partir dos objetivos e interesses pessoais de cada sujeito, recebendo interferências do contexto ao qual está inserido. No entanto, há aqueles que não recebem um incentivo direto – independente de qual seja o motivo presente em sua realidade – para pensar e construir uma prospecção de futuro. Porém, a adolescência é uma etapa na qual culturalmente há uma exigência social para que esse assunto seja pensado e que objetivos de vida sejam traçados (PEREIRA; STENGEL, 2015).

As autoras ressaltam que nessa fase as incertezas geradas pelo processo de transição da infância para a fase adulta são fortes, e estão atreladas as mudanças emocionais e em seu meio social. É o momento em que o adolescente “se vê obrigado a responder as exigências da sociedade ao nível afetivo, cultural e social, a fim de adentrar na vida adulta”. (PEREIRA; STENGEL, 2015, p. 585). Incertezas surgem também pelo fato de que agora o adolescente precisa assumir novos papéis que o levam a reconhecer seu novo “eu” a partir de todas as mudanças que ocorrem nesse dado momento (CAMARGO, 2006).

Além disso, ao desenvolver um projeto de vida profissional, deve-se considerar não somente um esboço do futuro de forma estática, mas considerar o passado e o presente, de maneira a realizar ações organizadas que levem o sujeito a atingir o mais próximo possível de seu objetivo. “Ao se planejar um projeto, não se pode ter certeza de seu sucesso tampouco de seu fracasso, é preciso aceitar mudanças de rotas e adequar à realidade conforme ela vai se mostrando” (PEREIRA; STENGEL, 2015, p. 584).

Por outro lado, nessa fase da vida, os estudantes adolescentes de escolas públicas “onde a qualidade de ensino é notoriamente inferior ao desejado, devido aos graves problemas estruturais da educação no Brasil” (BOCK *et al.*, 1995, p. 47), podem voltar-se de forma positiva ou não aos modelos profissionais familiares aos quais estão vinculados. E quando estimulados a pensarem sobre seu futuro profissional, muitos buscam por profissões distantes das que experienciam na atual realidade vivida junto aos pais e familiares e passam a ver “o exercício profissional apenas como fonte geradora de recursos e desconhecendo o universo das atividades e profissões do mercado” (BOCK, *et al.*, 1995, p. 48). Tal situação pode agravar a falta de perspectivas de vida e de profissão, abrindo espaço para profissionais pouco qualificados e descontentes, além de pouco identificados com as atividades profissionais, interferindo na qualidade do trabalho que desenvolvem e na sua própria saúde física e mental, uma vez que o trabalho é um importante constituinte da subjetividade. Como afirma Bernal (2010), o trabalho se tornou uma necessidade humana essencial, permitindo que o sujeito se

auto-realize e estabeleça um vínculo com a sociedade através deste. Dessa forma, a busca por um trabalho e o próprio trabalho se tornam termos importantes na subjetividade do sujeito.

Esse cenário se evidencia segundo dados apresentados pelo IBGE: “25,1 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, que não alcançaram o ensino superior completo, não estavam estudando ou se qualificando em 2017. Desse grupo, 52,5% eram homens e 64,2% eram pessoas de cor preta ou parda. Desde o ano anterior houve um aumento de 343 mil pessoas nessa situação”, onde os trabalhadores são a faixa econômica mais afetada (BRASIL, 2018).

Diante disso, tendo conhecimento que, o percentual de adolescentes que não possuem um projeto de vida profissional definido, e que, não estão inseridos no mercado de trabalho, nem implicados nos estudos vem crescendo gradativamente, essa pesquisa visa conhecer o projeto de vida e a prospecção de futuro de adolescentes que estão atualmente no ensino médio de escolas públicas, na tentativa de buscar respostas para este fenômeno que vem aumentando a cada ano.

Assim como os demais, o projeto de vida profissional exige planejamento e atenção, e é na adolescência – em sua grande maioria – que este projeto passa a ser pensado pelos jovens. Entram em jogo tanto seus interesses pessoais e suas aptidões, como a maneira que este vê o mundo, a si mesmo, aquilo que sabe a respeito das profissões, “as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente da família” (ALMEIDA; PINHO, 2008, p. 174). Durante toda a vida desse sujeito, ele recebe influências de seus pais e familiares em suas escolhas, sejam elas positivas ou negativas. No momento da escolha de uma profissão para seu futuro, o adolescente se sente em dúvida por sua identidade em construção, pela transição para o mundo adulto e em que decisão tomar. Então a família exerce papel essencial nesse processo de escolha (ALMEIDA; PINHO, 2008). A escola também exerce grande influência nas escolhas do adolescente, já que nela ele pode experimentar afinidades e dificuldades com determinadas matérias escolares e com professores. Através dessa identificação, pode traçar possibilidades para uma futura escolha, estando mais próximo ou distante de uma área de atuação do que de outra.

Além disso, o fator financeiro e o status social são influências importantes para aqueles que ainda não decidiram qual caminho seguir. Isso ocorre tanto em famílias onde o adolescente quer dar continuidade as profissões já existentes nos núcleos familiares, quanto naquelas em que ele se sente motivado a ir além daquilo que os pais alcançaram, buscando sucesso financeiro e condições financeiras melhores. Mas, há aqueles ainda que por estarem inseridos num contexto de vulnerabilidade social, onde pode haver dificuldades do lançar-se

para o futuro, que não planejam um futuro profissional e acomodam-se naquilo que será mais fácil ou que não exige um ensino superior ou outro tipo de qualificação, já que a “identidade ocupacional forma-se através da auto-percepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência principalmente no que diz respeito a figuras significativas” (ALMEIDA; PINHO, 2008, p. 176).

Sendo assim, realizar uma escolha profissional exige “um processo de tomada de consciência de si mesmo e a possibilidade de fazer um projeto que significa imaginar-se antecipadamente cumprindo um papel social e ocupacional” (MULLER, 1988, p. 141). Dessa forma, o autoconhecimento tem um papel fundamental na elaboração dos projetos de vida profissional, pois, como afirma Bock (2002, p. 158), “A partir da autopercepção das características individuais alcançadas, o sujeito tem condições de elaborar projetos.”

Por fim, considerando que a construção de um projeto de vida profissional é uma tarefa complexa e multideterminada, na qual o jovem recebe influências importantes da família, escola e outros contextos sociais e econômicos, assim como a falta de um projeto de vida profissional traz consequências negativas para o indivíduo e para a sociedade, consideramos que a realização de pesquisas que investiguem o assunto, especialmente na realidade da escola pública, são importantes para a construção da Psicologia como ciência e como profissão.

Diante disso, buscou-se responder o problema de pesquisa: Como os jovens do terceiro ano do ensino médio da rede estadual constroem o seu projeto de vida profissional? Assim, este estudo visou descrever como esse processo de construção de projeto de vida profissional acontece com adolescentes estudantes do Ensino Médio em uma cidade do sul de Santa Catarina, e de forma específica, buscou-se identificar as facilidades e as dificuldades dos adolescentes em relação a sua escolha profissional; levantar as expectativas dos adolescentes sobre o mercado de trabalho; identificar a percepção do adolescente sobre o envolvimento de sua família no processo da escolha profissional; identificar o nível de autoconhecimento dos adolescentes para realizar a escolha profissional e verificar as expectativas financeiras e de status que os adolescentes têm quanto à possível escolha de profissão.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA ADOLESCENTE

No que diz respeito à adolescência, Rousseau (1995) foi o pioneiro no conceito, associando esse período à revolução, paixão arrebatadora, como um renascimento, referindo-se como um segundo nascimento, o que foi de extrema importância à época, visto que a partir desse momento infância e adolescência passam a ser compreendidas como estado e não mais como uma condição do ser humano (RAHIM, 2015).

A adolescência começou a ser descrita e estudada no século XV, mas sua importância começou a ser reconhecida apenas em 1890 (SENA; DESSEN, 2012). No século XIX, após o Iluminismo, e com todas as mudanças que a Modernidade trouxe consigo, a infância tornou-se um período privilegiado na vida do ser humano e conseqüentemente a adolescência ganhou forma. Neste momento passou a ser vista como um período temido, pois carregava consigo potenciais de risco para o sujeito adolescente e os que o rodeavam, era vista como uma fase de turbulências e contestações. E em 1904, o primeiro livro sobre o tema foi escrito por Granville Stanley Hall – *Adolescência: sua psicologia e relação com fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação* (GROSSMAN, 2010)

No século XX tornou-se um tema de crescente estudo para a psicologia, e “a ênfase maior na adolescência [...] passou a ser, então, deslocada para os fatores de mudança e plasticidade, bem como para a diversidade social e cultural.” (SENA; DESSEN, 2012, p. 101). Pode-se dizer que deixou de ser apenas um período de transição entre infância e vida adulta, e passou a ser um momento importante que deve ser sentido e vivido com intensidade (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). Sena e Dessen (2012) ressaltam o reconhecimento da adolescência como um período essencial para o desenvolvimento do sujeito em sua existência.

Atualmente, o início desta fase é vista de formas diferentes por algumas organizações. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é compreendida como o período entre os 10 e 19 anos de idade. No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é entendida como a fase entre os 12 e 18 anos de idade – neste trabalho, será utilizada a concepção do ECA. Cabe lembrar que devido as grandes alterações que ocorrem nesse período, nem sempre a idade cronológica é o melhor método de descrever essa fase, além disso, em culturas não capitalistas, há diferentes concepções da adolescência. (EISENSTEIN, 2005).

Culturalmente na atualidade, entende-se que a adolescência é rodeada de transformações, desde o sentimento do “perder” a infância – onde seus papéis estavam bem definidos –, até a projeção da sociedade sobre os adolescentes – que são considerados uma

possibilidade de transformação, de mudança e de um futuro melhor, que depende, conseqüentemente das escolhas que farão por si mesmos a partir de agora.

Dessa forma, os adolescentes passam a interrogar e a distanciar-se do que antes era cômodo. Vêm-se perdidos, muitas vezes, no que deverão fazer a partir de agora e em quem podem se basear como modelo a ser seguido, “interrogam a relação com os pais, os responsáveis e outras figuras significativas ou de poder. A relação com o mundo externo em síntese é submetida a críticas” (CARRETEIRO, 2010. p. 16), tudo isso para buscar identificar-se com algo.

O gesto, os cabelos, as músicas e roupas já não são mais as mesmas, estes indivíduos estão se adaptando a outro tempo, embora ainda transitório, desvestindo a roupagem da infância e partindo ao imprevisível, em uma fase pautada por uma série de experimentações típicas deste momento. É chegada à hora de estabelecer outros laços, em um momento de expansão subjetiva e social, [...] os adolescentes passam por mudanças nesta fase, onde terão que fazer algumas escolhas, e a profissão será uma delas (LOPES, 2011. p. 18).

O processo de construção de identidade nesta fase busca o tornar-se único e independente do sistema familiar, com seus próprios gostos e decisões, mas que se dá a partir de identificações com grupos externos, cada qual com sua cultura, gostos e objetivos. Segundo Guimarães e Pessina (2010) muitos desses grupos são estritamente definidos pelo modo de se vestir, de falar, pelos valores e demais hábitos que seguem. Mostrando ao adolescente novas formas de se portar diante da sociedade.

Ao chegar ao fim da adolescência, marcada para muitos entre os 17 e 18 anos, o adolescente passa a ver a si e ao mundo exterior de forma diferente da compreendida antes, pois agora precisará assumir novas responsabilidades, novas preocupações e escolher seu futuro profissional – podendo haver a escolha de não elaborar um projeto de vida profissional – marcando sua entrada no mundo adulto propriamente dito (RAHIM, 2015).

1.2 ADOLESCENTE E FAMÍLIA

Ao nascer, a criança já está inserida em um grupo social de referência à sua família, e começa a conhecer o mundo a partir deste grupo. Através da dinâmica familiar, no que diz respeito ao universo profissional, o adolescente – ao chegar o momento em que precisa realizar escolhas para vida do trabalho – irá basear-se nos conhecimentos adquiridos através de sua interação social (DIAS, 1995). Assim como já nasce acompanhado de expectativas e desejos dos familiares em relação ao seu futuro profissional – que serão ou não

correspondidas pelo sujeito, dependendo do vínculo que este tem estabelecido com seus iguais. Suas escolhas se darão também a partir da representação social que a futura profissão tem para sua família, seja de forma positiva ou negativa (SOARES, 2002).

Dias (1995) traz que o momento da escolha da profissão para o adolescente, ou de iniciar a elaboração do seu projeto de vida profissional, acaba sendo visto como um momento de crise que envolve o grupo familiar em que está inserido e onde, na maioria das vezes, a ansiedade passa a ser algo de todos os membros familiares. Dentre todos os catalisadores desse fenômeno, o tempo para que essa escolha seja feita é um dos principais, pois é consideravelmente curto, levando em consideração os prazos para inscrições em vestibulares. “No Brasil, a necessidade de passar no vestibular e a insuficiência de vagas na universidade impedem um grande número de jovens de realizar seus projetos profissionais.” (SOARES, 2002. p. 77).

Em situações onde o adolescente e sua família estão enfrentando conflitos entre eles, essa escolha pode se tornar ainda mais difícil. Entende-se então, que a participação da família no processo de elaboração de um projeto de vida profissional é de grande importância para o adolescente (DIAS, 1995).

Ainda de acordo com o autor, cabe ressaltar que o grupo familiar pode ainda promover um desequilíbrio no adolescente ao levá-lo a escolher uma profissão que não vai de acordo com seus próprios desejos ou ainda que o adolescente escolha algo que agrada a sua família, apenas para satisfazer a necessidade de aprovação dos membros familiares (DIAS, 1995).

Segundo Soares (2002), o sujeito pode seguir as influências geradas no ambiente familiar e traçar um plano de carreira diferente daquele que deseja para sentir-se amado e querido na família. Seja pela posição de nascimento em relação aos irmãos ou por querer sentir-se valorizado por esta família e até mesmo pelo meio social no qual está inserido.

O modo como cada sujeito irá experienciar sua adolescência e tudo o que há de novo dentro desta fase se dá pela forma que este estabelece suas relações dentro dos contextos familiares, sociais e culturais (CARRETEIRO, 2010). De acordo com Costa e Penso (2010) este é o momento de formação da sua própria identidade, momento que exige uma separação simbólica de sua família de origem, no intuito de assumir suas escolhas e conhecer outras possibilidades a partir deste momento, pois agora irá assumir novos papéis em sociedade, “assim a qualidade dos vínculos estabelecidos entre o adolescente e seu sistema familiar é fundamental para o estabelecimento do sentimento de pertencimento e a posterior separação, possibilitando a construção da identidade” (COSTA; PENSO, 2010, p. 208).

E quando o jovem se distancia do terreno conhecido, afasta-se do que é familiar, adquire hábitos extravagantes, adota novas ideologias, procura informações, cultura e produtos identificados com o seu momento. Essa exploração é marcada pela volatilidade. As pessoas que convivem com o adolescente ficam perplexas frente à velocidade com que ele muda de opiniões, hábitos, ídolos e gostos (GUIMARÃES; PESSINA, 2010, p. 55).

É um momento de reconhecimento de sua própria identidade. Pereira e Sudbrack (2010), trazem que nas famílias onde existe um sistema claro de normas estabelecidas que são seguidas pelos adolescentes, existe uma grande chance de que estes se tornem pessoas mais seguras e confiantes de seus atos em momentos que precisarão tomar decisões imediatas, e que saberão lidar melhor com as frustrações e imprevistos advindos das situações postas pela vida, inclusive nas escolhas para a elaboração de seu projeto de vida profissional.

Além da influência da família neste momento importante da vida do adolescente, há também a importância da realidade socioeconômica que presencia diariamente. Carreiro (2010) diz que para muitas famílias que vivenciam uma realidade de vulnerabilidade social, o tornar-se adolescente é significado de uma permissão/exigência para que este sujeito adentre o mercado de trabalho. Tendo muitas vezes que conciliar trabalho e estudos, não gerando um bom resultado para ambas as áreas da vida dele.

E os adolescentes, por sua vez, passam a receber influências externas de que “o ter é poder”, ou seja, o costume de adquirir bens materiais como vestimentas, eletrônicos e marcas de diversos itens que são considerados indispensáveis pelos adolescentes, “funciona como uma segunda pele, pele social” (CARRETEIRO, 2010, p. 19) que permitem que eles estejam de alguma forma se inserindo na sociedade, além de auxiliar o sustento da família.

Além dessa representação externa ao próprio corpo, o adolescente tomará decisões que podem ser provisórias ou permanentes, embasados no suporte familiar que irão receber. Em famílias onde a realidade socioeconômica é favorável para dar suporte a este adolescente, suas decisões poderão ser auxiliadas positivamente e este poderá ter acesso a diferentes caminhos para o seu futuro. Já em uma família onde há uma precariedade socioeconômica, o adolescente poderá buscar alguns meios com o intuito de conseguir sua própria renda, como o envolvimento com o tráfico, por exemplo, que é uma escolha que pode se tornar permanente em sua vida e dessa forma acaba inibindo a possibilidade do desenvolvimento de um projeto de vida profissional desde a adolescência (CARRETEIRO, 2010, p. 21).

Há casos onde o adolescente não tem uma base familiar fortalecida para se apoiar nesta fase, situações onde os pais não exercem influência sobre a escolha que o filho irá realizar (SOARES, 2002), então o ambiente escolar torna-se indispensável, pois é nele e nas

relações estabelecidas dentro deste contexto, que o sujeito encontrará meios de identificação para construir seu projeto de vida profissional.

1.3 ADOLESCENTE E O CONTEXTO ESCOLAR NA REDE PÚBLICA

O ambiente escolar e especificamente o Ensino Médio, se tornaram familiares a praticamente todo adolescente, tendo em vista que além de necessário se tornou obrigatório, pois atualmente é definido como etapa conclusiva para a Educação Básica (LEBOURG, 2016). É neste ambiente em que o adolescente poderá se permitir descobrir e fazer novos caminhos fora do ambiente familiar. Onde poderá estabelecer novas relações e vivenciar novas experiências com outros adolescentes, outros sujeitos que estão passando pela mesma transição e onde poderão adentrar e pertencer a grupos onde se identificam e podem desenvolver potencialidades para enfrentar o mundo adulto, além de encontrarem figuras nas quais podem se espelhar e confiar suas inseguranças (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Os professores e educadores exercem papel de grande importância nesse momento da adolescência, pois serão usados como exemplos a serem seguidos ou não, de acordo com a imagem que passam aos adolescentes, e de acordo com o apoio que prestam a estes. Além de educadores, são participantes ativos no processo de escolha, bem como na construção de identidade do sujeito que frequenta a escola. São as figuras de referência ao adolescente, onde podem buscar segurança e apoio para lidar com os desafios desse momento (PEREIRA; SUDBRACK, 2010).

De acordo com os autores, a instituição passa a exercer influência sobre o desenrolar da subjetividade do sujeito, pois ela estabelece limites e regras, que mostram ao adolescente o fenômeno do viver em sociedade, e a responsabilidade de seguir tais normas, respeitando a hierarquia existente no sistema educacional sem deixar de lado as necessidades subjetivas.

Nas relações educativas (família e escola), é possível o exercício da autoridade mesmo compreendendo que as relações de hierarquia devem ser construídas para que a educação se legitime. Nesse caso, exercer a autoridade refere-se à habilidade de estabelecer regras e valores, permitindo atos de negociação e neutralizando desvios de comportamento que se afastam das expectativas coletivas, [...] as figuras de autoridade (pais e professores) responsáveis pelo processo educativo infanto-juvenil representam não apenas a função de controle e regulação social, mas são importantes figuras de segurança e proteção (PEREIRA; SUDBRACK, 2010, p. 68).

No entanto, quando não há uma imposição de limites ao adolescente dentro da escola (sendo esta uma de suas funções na vida do sujeito), dentro de sua família, ou ainda, quando ele não estabelece uma relação saudável com os ambientes familiares e escolares, pode se encontrar perdido em meio a escolhas e grandes responsabilidades que agora é levado a assumir. O que pode implicar direta ou indiretamente na construção de seu projeto de vida profissional, já que este requer autoconhecimento e planejamento com responsabilidade sobre aquilo que se pretende seguir como profissão e como futuro. Ao não perceber essa figura de autoridade sobre si, o adolescente pode querer encontrá-la em outras relações de risco, como o envolvimento com o tráfico de drogas, por exemplo, que muitas vezes acarreta em fracasso e evasão escolar (PEREIRA; SUDBRACK, 2010).

Faz-se de grande significância a identificação com os profissionais da escola e com as disciplinas que estuda em sala de aula, pois proporcionam uma melhor possibilidade de direcionamento sobre aquilo que o adolescente gosta ou não de estudar. De quais assuntos lhe desperta maior interesse e até que área profissional seguir de acordo com as experiências vividas no ambiente escolar e/ou familiar, podendo ser percebido também quais habilidades possui e quais precisaria desenvolver para o exercício de determinada profissão. E, quando essa identificação não ocorre, pode acarretar em uma evasão escolar (BOCK, 2002).

Quanto a este fenômeno que implica na construção de um projeto de vida profissional, tem-se que a própria escola, muitas vezes, acaba fazendo com que o adolescente se distancie e desista de estudar, ao não valorizar e fortalecer o processo de aprendizagem e ao desvalorizar a educação da rede de ensino das escolas públicas. “A crise no ensino brasileiro leva-nos a um descrédito quanto à possibilidade de se fazer escolhas compatíveis com os interesses de cada um, individualmente e como grupo” (SOARES, 2002, p. 137).

Quando o adolescente que se encontra em situação de vulnerabilidade social e se vê obrigado a auxiliar na economia da família, terá de escolher entre continuar a estudar e construir o futuro como almeja, ou largar a escola e partir diretamente para o mundo de trabalho com o intuito apenas de adquirir uma renda salarial (PEREIRA; SUDBRACK, 2010). Abandonar seu projeto de vida profissional pela situação social que se encontra significa uma grande tomada de decisões relacionadas ao seu futuro: nessa tomada de decisão, o adolescente precisa decidir prematuramente entre continuar com o seu sonho ou resolver seus conflitos internos e externos (SOARES, 2002).

1.4 PROJETO DE VIDA X ESCOLHA PROFISSIONAL

São diversos motivos que tem levado os adolescentes a um fenômeno de evasão escolar antes da conclusão do Ensino Médio. Muitos deles por buscarem viver somente o aqui e agora, vivendo um dia de cada vez, pensando somente no que precisam cumprir agora, e enfrentam uma grande e significativa dificuldade de desenvolver projetos para o futuro, inclusive o projeto profissional (PEREIRA; SUDBRACK, 2010). Diante disso, buscam maneiras alternativas de conseguir suas sobrevivências financeiras, como um emprego provisório, por exemplo, fazendo com que a noção de trajetória profissional se distancie de sua realidade (BORDET, 2010). “Chegar ao mundo do trabalho significa, acima de qualquer coisa, para o jovem, tornar-se emancipado. Emancipado no sentido de ser responsável por si” (ARAÚJO, 2016, p. 56). Com relação a isso, Martins (2010) aponta:

Podemos lembrar que todos os iniciantes do futebol profissional são crianças, em sua maioria púberes adolescendo, tentando a difícil inserção em um mercado de trabalho. [...] a cada talentoso adolescente com a esperança de ser um craque, vemos o esforço desejante necessário para escalar barreiras, evitar guilhotinas e encontrar um nicho social que o permita existir.

No momento em que o adolescente não pode mais ser sustentado pelos pais, ou é levado a escolher uma profissão que no futuro irá lhe permitir uma autonomia profissional e financeira, o sujeito se vê implicado num processo de escolha, que o levará a escolher algo para a sobrevivência imediata ou a traçar um projeto que lhe permitirá seguir a profissão que deseja ou que se assemelha a sua realidade. “A idéia de que a pessoa escolhe seu caminho a partir das condições em que vive e em função de suas vontades e aptidões só ocorre nesse momento” (BOCK, 2002, p. 25).

A escolha de uma profissão e a construção de um projeto de vida profissional, requerem tomadas de decisões e autoconhecimento sobre suas preferências e vontades. Vivien Bock (1996) traz que diversos fatores dificultam esse momento da escolha: alguns adolescentes já escolheram a profissão que almejam para o futuro, mas se sentem inseguros quanto às aptidões necessárias para segui-la; outros adolescentes têm conhecimento de suas habilidades e aptidões, mas não sabem quais as profissões nas quais essas características poderiam ser úteis; e outros ainda que por terem baixa auto-estima, não tem conhecimento suficiente para saber quais qualidades possuem, e quais as possíveis áreas de atuação profissional. Além disso, o status social e o retorno financeiro que determinada profissão irá proporcionar, é um fator de grande influência para muitos adolescentes na hora da escolha. “A escolha da profissão representa um dos passos mais importantes da vida e, portanto, o jovem

deve estar consciente do porquê da opção por esta e não aquela atividade” (BOCK, 1996, p. 166).

Silvio Bock (2002) afirma que ter que escolher uma única profissão, uma única opção para um futuro inteiro, gera insegurança para aqueles que não têm certeza do que querem. Insegurança maior se dá pelo medo da perda das outras opções que não serão escolhidas e os riscos gerados por tal escolha. “Escolher significa exatamente ter que se posicionar (tomar partido) entre as possibilidades colocadas que são igualmente atrativas e contêm também desvantagens” (BOCK, 2002, p. 93). São infinitas possibilidades e uma escolha a ser feita, que pode estar sofrendo influência dos familiares, da escola, dos amigos e de toda a sociedade. “A profissão é parte integrante da vida das pessoas. Em geral, em nossa sociedade, a escolha deve ser feita na juventude, entre 16 e 18 anos, quando se encerram os cursos de ensino médio e se busca uma formação universitária” (SOARES, 2002, p. 15).

No entanto, adolescentes estudantes do ensino médio da rede pública – os quais na maioria das vezes possuem uma condição financeira precária ou vivenciam uma realidade de vulnerabilidade social – já se vêem em desvantagem em relação a estudantes de escolas particulares, tendo em vista a diferença na valorização do estudo e dos aspectos pessoais entre um ensino e o outro, entre uma realidade social e outra. Isso implica diretamente na construção do projeto de vida profissional (ZONTA, 2007).

2 MÉTODO

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de campo que “consiste na observação de fatos e fenômenos tais como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

Tendo caráter exploratório, que, segundo Gil (2002, p. 41) o principal objetivo da pesquisa exploratória é “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de instituições”.

A abordagem da pesquisa se caracteriza como um estudo de caráter qualitativo por não ter como objetivo quantificar ou numerar resultados. De acordo com Rauen (2002) nas pesquisas de caráter qualitativo, “não se quer provar a existência de relações particulares entre

variáveis. O trabalho busca uma descrição do fenômeno estudado, está interessado na história dos eventos e nas suas interdependências” (RAUEN, 2002. p. 190).

Quanto ao procedimento técnico utilizado, se trata de um estudo de caso por contribuir para a compreensão de um fenômeno, que, segundo Gil (2002, p. 54) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, que se trata do projeto de vida profissional dos adolescentes do ensino médio.

2.2 PARTICIPANTES

A população da presente pesquisa foram adolescentes que cursam regularmente o terceiro ano do ensino médio, em uma escola da rede pública de ensino, situada em uma cidade do sul de Santa Catarina. O critério de exclusão consistiu em: o participante possuir mais de 18 anos de idade, já que, de acordo com o ECA (2018), acima de 18 anos, o sujeito não é mais considerado um adolescente.

A entrevista foi realizada com doze participantes, quantidade inferior e estimada por motivo de desistências por parte daqueles que receberam o Termo de Consentimento, mas não compareceram no dia e hora agendados. Dessa forma, a amostra foi não-probabilística por acessibilidade, pois a pesquisadora realiza um estágio anual dentro da escola onde foi realizado esse estudo. Esse tipo de pesquisa é onde “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo” (GIL, 1994, p. 97).

2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Como procedimento da coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semi estruturada com dez questões, elaboradas pela pesquisadora. Esse tipo de instrumento tem como característica um roteiro de questões sobre o tema a ser pesquisado, mas que permite ao entrevistado que fale abertamente sobre aquilo que surgir a partir das questões (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para que a pesquisa fosse realizada, inicialmente a pesquisadora entrou em contato pessoalmente com a direção de uma escola da rede pública de uma cidade do Sul de Santa Catarina, apresentando a proposta e a Declaração de Ciência e Concordância da instituição co-participante. Recebendo a permissão para realização das entrevistas, agendou uma visita para apresentação da proposta às turmas do terceiro ano do ensino médio e dessa forma os

voluntários foram selecionados para participarem da entrevista. Foram apresentados a eles os objetivos e questões éticas da pesquisa, e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento que foram assinados pelos responsáveis legais e adolescentes, respectivamente, e levados no dia da entrevista. Uma cópia do termo ficou com os participantes para consultas de possíveis dúvidas.

A realização das entrevistas ocorreu de forma individual no dia e horário agendado com cada participante através de contato pessoal prévio na escola. As entrevistas foram realizadas na própria escola, em um local que garantiu a preservação do sigilo e da identidade dos mesmos. Cada entrevista teve aproximadamente quatorze minutos de duração – tempo inferior ao estimado. Foram gravadas em áudio conforme autorização dos participantes e responsáveis.

Este estudo foi norteado pelos princípios éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, previsto nas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Por tratar-se de um pesquisa com adolescentes, participaram da entrevista apenas aqueles que trouxeram consigo no dia marcado, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis legais. A partir disso, com a autorização dos próprios participantes, as entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em áudio, e após o término das transcrições das informações, realizadas pela própria pesquisadora, foram excluídas. Bem como ambos os termos arquivados para serem incinerados após um período de cinco anos, mantendo o sigilo da identidade dos participantes.

Antes da realização das entrevistas, todos os adolescentes foram, individualmente, orientados sobre os procedimentos éticos, de sigilo dos dados coletados e de sua identidade. Lendo os termos junto à pesquisadora, os participantes consentiram com a participação da entrevista, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina (CEP UNISUL). Sob o protocolo nº: 3.510.332.

3 ANÁLISE DE RESULTADOS

A coleta de dados foi realizada com doze estudantes do terceiro ano do Ensino Médio em uma escola da rede pública situada numa cidade catarinense, os mesmos foram identificados com uma letra e um número: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12. A faixa etária foi de 16 a 17 anos. Teve como objetivo geral, descrever a construção do

projeto de vida profissional de adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio da rede estadual em uma cidade do sul de Santa Catarina.

As informações que emergiram por meio da fala dos participantes foram submetidas à análise de conteúdo, que se trata de um conjunto de técnicas utilizadas para análise de comunicações, um leque de apetrechos, um único instrumento que possibilita uma variedade de formas de analisar as comunicações (BARDIN, 1977).

O primeiro passo foi identificar as categorias iniciais propostas para a temática (colorindo). O segundo passo foi agrupar as categorias por semelhanças nas falas. E o terceiro e último passo foi reagrupar as categorias dando origem a trinta e seis categorias finais, tendo como norteadores os objetivos específicos.

O primeiro objetivo visou identificar as facilidades e as dificuldades dos adolescentes em relação a sua escolha profissional, a partir deste foram obtidas onze categorias. A primeira delas a ser considerada se trata dos adolescentes **indecisos** quanto a profissão que desejam seguir, ou seja, sete participantes, e a segunda categoria foram dos **decididos**, com frequência de cinco participantes. Isso mostra que apesar de estar no último ano do Ensino Médio, a maioria deles ainda não conseguiu tomar uma decisão, estando com o processo de escolha em aberto. As categorias seguintes nos mostram os motivos de tal fato.

Destacarem-se alguns facilitadores para a escolha da profissão. Quase todos os participantes, dez deles, declararam ter gostos e vontades que corroboram com uma **forte identificação com a área** na qual atuariam se escolhessem a profissão em questão:

“Eu sou sonhador e meu sonho foi sempre viajar [...] não penso numa família ou coisa do tipo, me vejo mais viajando [...] minha vontade de viajar me faz querer cursar relações internacionais” (E1).

“Minha vida é o esporte, eu jogo, sei de tudo do esporte, entendesse? Mas ao mesmo tempo eu gosto muito de ensinar, então eu provavelmente vá ser professor de educação física, ou professor” (E2).

Eu acho uma profissão muito linda sabe, é ele (professor) que te ensina, ele tá ali pra te passar o que ele sabe, ele estuda ao máximo pra tentar te passar um pouquinho. A educação como um todo eu particularmente acho uma coisa muito bonita [...] Eu gosto muito de estudar, não é um problema ou um sacrifício pra mim estudar aquilo que eu gosto, por isso eu acho muito bonito a educação, eu gosto de explicar e tentar fazer a outra pessoa entender o que eu entendo, eu gosto muito disso (E4).

“Eu gosto de cálculo, tenho muita habilidade, e eu tenho bastante gosto por desenhar formas geométricas, me imagino sendo muito feliz fazendo isso” (E6).

Gosto muito da idéia de projetar, criar alguma coisa [...] é uma coisa muito complexa, porque tu pode derrubar uma casa em cima de uma família, só que a Arquitetura também traz muita felicidade pra muitas famílias, porque algumas não tem condição financeira de ter uma casa, mas quando tem, pode ser o mais simples possível, aquilo ali vai ser a maior felicidade dela. E acho que, arquitetura também é arte, é uma fachada bonita que tu coloca na vida das pessoas, tu vai passar na frente da casa e vai reparar, é muita coisa envolvida, eu adoro (E7).

“Eu sempre gostei muito de botar o máximo de estresse possível numa criação minha pra ver o quanto ela agüenta, e tenho bastante interesse na área da computação, aí meio que juntando essas duas características achei que seria algo muito interessante trabalhar com isso. (E8).

“Amo fazer contas, e nessa profissão eu posso trabalhar em vários locais e na minha própria casa, eu não preciso ficar só numa empresa, posso pegar várias outras e trabalhar pra todas! (E9)

“Gosto muito do ramo da polícia [...] eu admiro muito essa profissão e porque não leva muito tempo pra ser policial” (E10).

“Tenho um gosto muito grande pelo mercado financeiro, bolsa de valores, esse tipo de assunto, e se eu pudesse escolher eu trabalharia com o mercado financeiro, porque eu tenho mais paixão por isso” (E11)

“Pesquisei as profissões que eu poderia seguir, encontrei tatuador, web designer, e assim eu decidi. Por ter facilidade com o desenho eu achei que seria o melhor. Porque eu acho que se for para trabalhar mesmo com alguma coisa, tem que ser se divertindo!” (E12)

As falas nos mostram que apesar da maioria dos participantes ainda não ter realizado uma escolha, quase todos tem uma profissão idealizada, que gostaria de seguir por afinidade, admiração, gosto ou paixão pela área e campo no qual estaria atuando com essa profissão. Os dificultadores e demais influências serão discutidos a seguir para que esse fenômeno seja compreendido.

Outras identificações que podem facilitar a tomada de decisão ou direcionamento dos adolescentes foram: **querer ajudar ao próximo** (três participantes), **persistência e foco no objetivo final** (seis participantes), **quer continuar estudando mesmo depois de estar trabalhando** (três) e um participante disse apenas que **não considera fácil ter que escolher**, alegando não ter nenhum facilitador para realizar a escolha: “Eu sou indecisa, o que tem de mais fácil em escolher uma? Não tem!” (E5)

Alguns dificultadores também ficaram em evidência para a tomada da decisão, cinco dos entrevistados afirmou ter **autoconhecimento insuficiente** para realizar a escolha neste momento:

“O mais difícil mesmo é o autoconhecimento, porque eu não me conheço tanto, não sei muito o que eu quero então eu fico na dúvida [...] meu sonho foi sempre viajar, então não penso muito numa profissão ou trabalhando com algo” (E1).

“Certeza eu não tenho ainda... Todo mundo fala que a gente tem que seguir sempre o nosso coração né, pra o que a gente for fazer, porque não adianta trabalhar em algo que tu não gosta, tem que se conhecer bem pra escolher” (E7)

“Eu? Eu não sei como me descreveria...” (E9)

“Muito indecisa e... não sei outra palavra pra me definir” (E10)

“Essa pergunta é difícil, me pegou. É a primeira vez que alguém me pergunta esse tipo de coisa... Difícil falar assim sobre quem eu sou” (E11)

Nas falas citadas acima, vemos as dificuldades que alguns deles encontraram em descrever suas características e em se reconhecerem, o que acaba dificultando esse processo de escolha. Pereira e Sudbrack (2010) nos mostram que a construção de um projeto de vida profissional requer, acima de tudo, autoconhecimento e planejamento com responsabilidade sobre aquilo que se pretende seguir como profissão. Isso se confirma com o fato de que tanto nos facilitadores quanto nos dificultadores, encontramos a questão do autoconhecimento, e a falta dele, como principal ponto, o que foi mais citado entre os entrevistados.

Além disso, a dimensão da **responsabilidade** que é ter que realizar essa escolha também apareceu nas falas de quatro participantes:

A parte mais fácil é que eu vou querer entendesse? Se eu entrar em um eu vou querer. O que eu mais tenho medo é de entrar em uma [faculdade], não gostar e querer trocar pra outra, nossa, eu acho horrível. Se eu escolher uma, eu vou até o final, essa vai ser a parte mais fácil. Porque se eu escolher uma eu vou, mas a parte mais difícil é ter que decidir. Meu problema é a decisão (E2).

“Pensar sobre tudo isso é difícil pra mim, porque tem semanas que eu to muito mal, muito ansiosa de verdade, tendo crise, é muita responsabilidade” (E4).

“O mais difícil eu acho que é a questão do outro, porque a pessoa fala de forma diferente com peso diferente no julgamento da profissão que tu vai fazer [...] é difícil escolher só uma, qualquer pessoa que me pergunta eu já fico bem desconfortável” (E7).

“É complicado escolher, sabe, porque eu quero o máximo pra ser independente” (E9)

Para Bock (2002) ter que escolher uma única profissão entre as infinitas possibilidades, e entender que esta seria uma única opção para um futuro inteiro, gera insegurança nos adolescentes que ainda não têm certeza do que querem pro futuro. Além da insegurança pelo medo de perder ou deixar para trás as outras opções que não serão escolhidas e os riscos gerados por essa decisão. Essa insegurança se mostra presente nos participantes citados.

Cinco dos entrevistados trouxeram a dificuldade da **inserção no mercado de trabalho** depois de formado como um dificultador, e o curto **tempo de estudo para passar no vestibular** apareceu para dois dos participantes, sendo que um deles já está com a escolha feita:

“To estudando todo dia pra isso, só que ta meio ruim porque eu fico o dia inteiro ocupado. No caso eu sigo o plano de estudo que era pra eu estar estudando o dia inteiro, só que só consigo estudar a noite, aí fica conteúdo pra trás e isso prejudica” (E3).

O tempo para que a escolha profissional seja feita é um dos principais catalisadores da ansiedade gerada nos adolescentes e em suas famílias, pois é consideravelmente curto, levando em consideração os prazos para inscrições em vestibulares (SOARES, 2002).

Levantar as expectativas dos adolescentes sobre o mercado de trabalho foi o segundo objetivo desse estudo, e resultou em cinco categorias: Nove adolescentes afirmam que o mercado de trabalho **exige que você seja o melhor e se destaque** independente da área que você esteja atuando. Trazem também que é muito **abrangente** (três participantes), seis deles considera ser **difícil conquistar espaço** e os mesmos **querem apostar em algo novo para entrar** no mercado. Dois deles **desconhece** o funcionamento do mercado de trabalho e disseram não fazer diferença no processo de escolha. A maioria dos entrevistados mostrou ter conhecimento sobre como funciona o mercado de trabalho, suas dificuldades e o que pretende fazer para adentrar o mesmo. No entanto, a expectativa a respeito do mercado de trabalho não é um ponto a ser considerado pelos adolescentes no momento de realizar a escolha de uma profissão.

O terceiro objetivo específico buscou identificar a percepção do adolescente sobre o envolvimento de sua família no processo da escolha profissional. A partir deste, surgiram seis categorias aqui nomeadas como: **Forte apoio familiar** – oito participantes relataram ter um apoio familiar consistente, que permite uma melhor elaboração sobre o projeto de vida profissional. Quatro dos participantes afirmou que a **família prioriza o retorno financeiro**, e sete disseram que a **opinião familiar gera incertezas** sobre o que devem ou não fazer sobre o seu futuro:

“Me deixa um pouco com o pé atrás mas nunca foi o ponto que eu mudaria de profissão. A influência deles me deixa com dúvida, só” (E1).

“Não tenho muito interesse em continuar nesse curso técnico, porque eu fui um pouco influenciado a vir pra cá, mas eu gosto desse curso, mas não quero seguir, sabe? Porque os dois (pai e irmão) são técnicos em Mecânica e o pai quer que eu seja também” (E2).

“A minha mãe e a minha irmã que chegaram pra mim com essa idéia da Psicologia, elas que chegaram com isso, fiquei meio assim, sem saber” (E7).

“Meu pai ta abrindo uma empresa e seria legal e eu adoro contas. E eu acho que seria legal fazer contabilidade que já ajuda o pai [...] medicina veterinária é o que eu sempre fui fascinada, mas contabilidade tá mais garantido” (E9).

“Meu pai quer que a gente faça algo que tenha um retorno mais rápido e maior, meu pai me desmotiva” (E10).

Três dos participantes usam a **família como exemplo para ser melhor que eles**.

Dias (1995) nos mostra que a família pode promover um desequilíbrio no adolescente ao levá-lo a escolher uma profissão que não vai ao encontro dos seus próprios desejos, e isso pode levar o adolescente a escolher algo apenas para agradar a família ou a ficar em dúvida sobre uma decisão já realizada, como vemos nos casos da maioria dos participantes. Podem-se destacar algumas falas de E4 – que possui grande identificação com a profissão desejada – em relação ao seu relacionamento com o pai: “a gente não tem uma relação muito boa, ele me desanima em muitas coisas, independente do que eu escolher, ele vai achar algum defeito, é algo que me afeta bastante”. Os relatos da participante chamam atenção, pois E4 admira a profissão, está decidida, com tudo planejado, tendo conhecimento sobre o mercado de trabalho e de tudo que pretende fazer para obter sucesso na profissão, mas a opinião familiar, de certa forma, abala tudo isso, fazendo com que ela não saiba qual profissão escolher. E4 também está entre os que usam a família como exemplo para buscar uma realidade melhor do que a que vivencia junto a eles.

Sobre a participação da família neste momento da escolha da profissão ou de iniciar a elaboração do projeto de vida profissional do adolescente, Dias (1995) diz que é visto como um momento de crise que envolve o grupo familiar em que ele está inserido e que se a família estiver enfrentando conflitos entre os membros, o processo de elaboração de projeto de futuro pode se tornar ainda mais difícil, pois a participação da família nesse processo é de suma importância.

Dois adolescentes recebem **apoio parcial**, ou seja, por algum dos membros da família, e um entrevistado alega que **não existe apoio familiar nenhum**:

“Meu pai tá sempre tentando me mostrar que fazer faculdade não vale à pena, que tenho que começar a trabalhar” (E12)

Este foi o único participante a declarar que não recebe apoio dos pais para realizar seu projeto de vida profissional: “eu escolhi a profissão baseado nas minhas habilidades, no caso, que foi um passo mais rápido pro meu destino”, percebe-se que este realizou a escolha da profissão sem se basear na família, a partir do reconhecimento de seus gostos e vontades, do autoconhecimento, mas que a opinião do pai a respeito de não querer que o filho faça uma faculdade, e sim comece a trabalhar imediatamente para obter uma fonte de renda, faz com que este participante apesar de identificar o que quer, está indeciso quanto à assumir e efetivar a escolha. Pois de acordo com Soares (2002), abandonar seu projeto de vida profissional pela situação social que se encontra significa uma grande tomada de decisões relacionadas ao seu futuro, onde terá de decidir entre continuar com o seu sonho ou resolver seus conflitos internos e externos.

Cabe ressaltar que o participante E3 não possui dúvidas a respeito de seu projeto de vida profissional, este está decidido e planejado desde o início do Ensino Médio. O que chama atenção é que este participante possui todo apoio familiar necessário para focar totalmente nos estudos. Não recebeu nenhuma interferência para seguir o que quer, apesar de não ter sido a profissão que seus pais imaginavam para ele inicialmente. E3 quer fazer medicina e sua maior dificuldade é o uso total do tempo livre para estudar o conteúdo do vestibular, o que implica em não poder sair com seus amigos e fazer aquilo que gostaria de fazer para o lazer, mas afirma ser uma escolha totalmente sua, e que está muito focado no objetivo final:

Decidi que faria Medicina e meu pai queria que eu fizesse Direito, mas ele ficou bem feliz quando eu falei isso, teve todo o apoio. Eles me falaram que não vai ser fácil eu entrar, mas eu to focado estudando [...] e meu foco vai me ajudar muito, porque eu não quero só fazer a Medicina e parar, eu quero continuar. O foco que eu tenho agora é uma habilidade muito boa pro futuro. É o principal de tudo, se não tiver foco a gente não consegue (E3).

O apoio familiar emocional e socioeconômico poderá auxiliar positivamente o adolescente na tomada de decisão, e este poderá ter acesso a diferentes possibilidades para o futuro (CARRETEIRO, 2010).

O quarto objetivo buscou identificar o nível de autoconhecimento dos adolescentes para realizar a escolha profissional e resultou em sete categorias. O participante E1 **não se vê em nenhuma profissão**, afinal, não sonha em seguir uma profissão agora, mas sim viajar pelo mundo. Soares (2002) mostra que o ter de realizar uma escolha profissional ao término do

Ensino Médio é uma questão cultural, talvez E1 não escolha seguir uma profissão, podendo fazer isso mais tarde, ou não.

Quatro desejam **seguir aquilo que gostam**, seis deles **buscam a felicidade independente da profissão** que exerçam no futuro; cinco deles afirmam ter **pouco autoconhecimento** para ter uma certeza neste momento. A **identificação com o perfil da profissão** está presente em sete dos participantes, o que se faz importante, pois de acordo com Bock (1996) esse processo de elaboração da escolha representa um passo muito importante na vida do sujeito, e este deve estar consciente do porquê de escolher por uma e não por outra atividade.

Cabe aqui ressaltar que a partir das perguntas, todos os entrevistados reconheceram ter **habilidades importantes para qualquer profissão** que decidam seguir, o que é relevante, levando em consideração que somente metade deles reconhece ter as **habilidades necessárias para a profissão que gostariam de seguir**. Tal fato se faz importante por Bock (1996) nos traz que alguns adolescentes já escolheram a profissão que almejam para o futuro, mas se sentem inseguros quanto às habilidades necessárias para segui-la; outros adolescentes têm conhecimento de suas habilidades e aptidões, mas não sabem quais as profissões nas quais essas características poderiam ser úteis; e outros ainda que por terem baixa auto-estima, não tem conhecimento suficiente para saber quais qualidades possuem, e quais as possíveis áreas de atuação profissional, o que acaba dificultando na elaboração de um projeto de vida profissional. Novamente o autoconhecimento se mostra necessário no processo de elaboração do projeto de vida.

O quinto e último objetivo quis verificar as expectativas financeiras e de status que os adolescentes têm quanto à possível escolha de profissão e resultou em sete categorias. Sobre a expectativa financeira, dois dos entrevistados imaginam obter um **retorno financeiro ruim**, sete esperam ter um **bom retorno financeiro**, três afirmam que **varia de acordo com a área de atuação** e outros três declaram que a expectativa financeira foi o **ponto crucial para realizar a atual escolha**:

“É a coisa que eu mais penso. Porque a situação é bem precária em ensino em escolas, por isso que sempre pensei em ir pra fora, o financeiro influencia bastante nisso [...] mas a coisa que fica fixo pra mim é o dinheiro, eu quero mesmo é ter um bom retorno (E2).

“Eu quero ter uma condição de viajar no final do ano [...] Eu penso bastante em fazer uma coisa que talvez me dê um bom retorno antes, como a Psicologia, porque acho que é um campo muito grande, tem muita coisa, oportunidade” (E7).

“Contador é mais do que um administrador, ou seja, tem mais valor e ganha mais, e na contabilidade já tenho algo garantido né” (E9).

O retorno financeiro almejado pelos entrevistados citados se mostra como fator influente para realizar a escolha. Sobre a expectativa de status da profissão, dois deles considera uma profissão **desvalorizada**, três dizem que é **valorizada**, e setes consideram que seja **valorizada parcialmente**, por aqueles que precisam dos serviços ofertados pela profissão em questão. Nenhum dos entrevistados afirmou que a valorização da profissão pelos demais seja algo que influencie na escolha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a atual pesquisa, constatou-se que o percentual de adolescentes que não possuem um projeto de vida profissional definido, e que, não estão inseridos no mercado de trabalho, nem implicados nos estudos tem crescido a cada ano, e a partir disso, essa pesquisa visou conhecer o projeto de vida e a prospecção de futuro de adolescentes que estão atualmente no ensino médio de escolas públicas, na tentativa de buscar respostas para este fenômeno.

Buscando descrever como os adolescentes da rede estadual de ensino constroem seu projeto de vida profissional ao estarem no terceiro ano do Ensino Médio, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com doze estudantes de uma escola pública sul Catarinense. A pesquisa desenvolveu-se através de cinco objetivos específicos, os quais foram alcançados com êxito, bem como o objetivo geral foi atendido.

Primeiramente verifica-se que as facilidades e dificuldades encontradas pelos adolescentes para que consigam realizar a escolha de uma profissão para seu projeto de vida profissional, estão relacionadas principalmente ao autoconhecimento e ao apoio familiar. Sendo que a maioria dos participantes – sete entre doze deles – ainda não conseguiu tomar uma decisão. Entre os facilitadores deste momento, o que mais transparece é a vontade de trabalhar com algo que esteja de acordo com seus gostos e vontades, e que quanto mais o adolescente conhece a si mesmo, mais fácil se torna pensar sobre seu futuro profissional.

Os adolescentes trazem que o tempo que têm para direcionar para os estudos referentes aos vestibulares, é consideravelmente curto, e que não é algo que possa ser mudado no momento. Além disso, a responsabilidade que é estar implicado nesse processo de tomada de decisões aparece também como dificultador da elaboração de um projeto de vida profissional. A responsabilidade chama atenção, justamente por estarmos falando de adolescente que agora

assumem novas responsabilidades, novos papéis, de dimensões diferentes aos anteriores, vividos na infância. Adentrar o mercado de trabalho exige responsabilidade e aparece aqui também como um dificultador.

As expectativas dos adolescentes referentes ao mercado de trabalho nos mostram que apesar de ser um grande diferencial na vida profissional, há adolescentes que desconhecem completamente do que se trata o mercado de trabalho, e sobre o seu funcionamento. Aqueles que demonstram conhecimento, trazem opiniões consistentes sobre sua abrangência, dificuldade, exigência e destaque, fazendo com que metade dos entrevistados queira apostar em alguma idéia inovadora para conseguir ganhar seu próprio espaço após formado. Apesar disso, os participantes afirmam que este não é um fator que afete a escolha em si.

Sobre a percepção deles quanto o envolvimento de suas famílias no processo de escolha profissional, temos que a opinião familiar interfere significativamente de forma positiva e negativa, fazendo com que alguns dos que já tem uma profissão que querem seguir, ainda não tenham conseguido tomar uma decisão final devido às incertezas geradas pelas opiniões e críticas vindas do ambiente familiar. O fato de a família querer que o adolescente priorize o retorno financeiro também gera dúvidas, pois ao falarmos de futuro profissional, não há como ter certezas a respeito do sucesso financeiro, tampouco sobre qual profissão garantirá um bom retorno. No entanto, a influência familiar é de suma importância, pois os adolescentes que relataram receber grande apoio familiar são os mesmos que estavam decididos sobre qual profissão irão seguir, com exceção do participante E12, que não possui apoio familiar, mas possui bom autoconhecimento e já estava decidido sobre sua profissão. O apoio que a família possa dar só auxilia no processo, exemplo disso é do participante E3, que foi o participante que mais se destacou no sentido de estar com o projeto de vida profissional elaborado desde o início do Ensino Médio, tendo uma decisão sua sustentada pelos pais, emocional e financeiramente. Ao terem apoio de pessoas que têm como referências na vida sentem-se mais seguros para escolher entre uma ou outra opção. No caso do participante que disse não ter apoio familiar nenhum, mas que já estava decidido quanto ao futuro profissional, mostrou ter muito conhecimento sobre o que gosta e o que quer, confirmando o fato de que o autoconhecimento é primordial.

A respeito do nível de autoconhecimento dos adolescentes, os resultados permitem afirmar que no geral estão buscando pela felicidade independente da profissão, e que a identificação com a área de atuação através do conhecimento da profissão e de si mesmos, é um ponto relevante para a maioria deles. Um resultado apresentado por esse estudo que chama atenção é de que todos os doze participantes reconhecem ter habilidades úteis para

qualquer profissão que possam vir a seguir, fato importante e que revela certo empoderamento já que somente metade deles reconhece ter habilidades necessárias para atuar na profissão que almejam.

Para os adolescentes entrevistados, a questão das expectativas de status não intervém ou implicam no processo da escolha profissional, podem sim chamar atenção para reflexão, mas não são relevantes ao realizarem a ponderação da escolha. Já a expectativa financeira aparece como principal ponto a ser levado em consideração para a atual escolha por parte dos participantes, e a maioria no geral acreditam que terão um bom retorno financeiro, mostrando que a expectativa financeira está entre as questões que influenciam no processo.

A construção do projeto de vida profissional de adolescentes estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de escolas públicas se torna possível baseado no apoio familiar e no autoconhecimento que o sujeito tem a sua disposição. Além de que o fator financeiro é algo que influencia muito na sua escolha entre uma profissão ou outra.

Algumas questões foram levantadas e podem ser utilizadas para futuros estudos, como: o fato dos adolescentes quererem respostas imediatas para aquilo que almejam como desejar ter certa garantia financeira do futuro profissional sem mesmo ter conhecimento de seus próprios gostos e se aquilo que atrai financeiramente – e que não há como ter uma garantia – seria a resposta para o que procura; pensar de que forma realizar um trabalho em orientação profissional para adolescentes que envolva a participação dos pais no processo de escolha, dando a possibilidade e abertura para que a família esteja envolvida e que possa vir a entender as vontades dos filhos, quanto à profissão que almejam para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.173-184, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000200013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 maio 2019.
- ARAÚJO, Nayara Cristina Carneiro de. A criança, o jovem e o ambiente escolar: experiências e significações. In: SIMPÓSIO NACIONAL APROXIMAÇÕES COM O MUNDO JUVENIL, 1., 2016, Belo Horizonte. **Anais do I Simpósio nacional aproximações com o mundo juvenil**. Belo Horizonte: Comunicações, 2016. p. 54 - 63. Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/index.php?pagina=grupo_cont_eudo&tela=83&usuarioparouquia=&subtela=&evento=33>. Acesso em: 01 maio 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Lisboa: Edições, 1977. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.
- BERNAL, Anastasio O. **Psicologia do trabalho em um mundo globalizado**. 11 ed. Artmed. 2010. 240 p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia *et al.* **A escolha profissional em questão**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 247 p.
- BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 188 p.
- BOCK, Vivien Rose. **Professor e psicologia aplicada na escola**. Porto Alegre: Kinder, 1996. 197 p.
- BORDET, Joëlle. A socialização de adolescentes em bairros populares e o papel da ação pública na França. In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 8. p. 119-127.
- BRASIL. IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. . **PNAD Contínua 2017: número de jovens que não estudam nem trabalham ou se qualificam cresce 5,9% em um ano**. 2018. Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano>>. Acesso em: 15 maio 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, n. 12, p. 59. 13 Jun 2013. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 04 Jun 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, n. 98, p. 44-46. 24 Maio 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 04 Jun 2019.

CAMARGO, Lucila. **Orientação profissional: uma experiência psicodramática**. São Paulo: Ágora, 2006. 148 p.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Adolescências e experimentações possíveis. In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 1. p. 15-24.

COSTA, Liana Fortunato; PENSO, Maria Aparecida. A dimensão clínica das intervenções psicossociais com adolescentes e famílias. In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 13. p. 201-214.

DIAS, M. L. Família e escolha profissional. In: BOCK, A. M. B. et. al. **A escolha profissional em questão**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p. 71-92.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.6-7, jun. 2005. Trimestral. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 01 maio 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 4^a.ed, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.47-51, jul. 2010. Trimestral. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=235>. Acesso em: 27 abr. 2019.

GUIMARÃES, Flávio Lôbo; PESSINA, Luciana Monteiro. A clínica adolescente: recursos para a jornada exploratória. In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 4. p. 51-64.

LEBOURG, Elodia Honse. “Se tivesse Ensino Médio no distrito, eu nunca teria vindo estudar aqui”: como jovens que se deslocam de suas comunidades para cursar o Ensino Médio lidam com as surpresas, dores e desafios provocados pela transição. In: SIMPÓSIO NACIONAL APROXIMAÇÕES COM O MUNDO JUVENIL, 1., 2016, Belo Horizonte. **Anais do I Simpósio nacional aproximações com o mundo juvenil**. Belo Horizonte: Comunicações, 2016. p. 16 - 23. Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/index.php?pagina=grupo_cont_eudo&tela=83&usuarioparouquia=&subtela=&evento=33>. Acesso em: 01 maio 2019.

LOPES, Talita Ramos. **Atribuições de sentido expressadas pelos adolescentes em relação à atividade laboral exercida pelos seus pais**. 2011. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MARTINS, Francisco Catunda. Por uma clínica do social e da identidade contra a "ninguenedade". In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 3. p. 37-47.

MÜLLER, Marina. **Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1988.

PEREIRA, Heloisa C.; STENGEL, Márcia. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p.582-598, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000300011>. Acesso em: 08 maio 2019.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes; SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. A escola como contexto complementar à clínica da adolescência. In: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. Cap. 5. p. 65-86.

RAHIM, Sâmia Torquato. **As implicações da violência doméstica contra crianças e adolescentes na construção da subjetividade/identidade: um estudo de caso de uma escola estadual do sul de Santa Catarina**. 2015. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. Unisul, 2002.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fonseca, 1995. Tradução de Roberto Leal Ferreira.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p.227-234, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SENN, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 1, p.101-108, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002. 196 p.

ZONTA, Grazielle Aline. A construção do projeto de vida do aluno da rede pública de educação. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 25, n. 50, p.261-268, set. 2007. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19777>>. Acesso em: 27 maio 2019.